

A METAMORFOSE DE CUPIDO
O DISCURSO ERÓTICO DE CASIMIRO DE ABREU

RESUMO

O ensaio demonstra que o êxito da poesia de Casimiro de Abreu se deve ao fato de dar expressão ao erotismo caro à mentalidade feminina no século XIX, assim como ao fato de dar voz ao desejo, nos aspectos do langor e da volúpia, característicos do código de namoro romântico e adolescente.

RÉSUMÉ

Cet essai veut montrer que le succès de la poésie de Casimiro de Abreu résulte du fait qu'elle réussit à exprimer l'érotisme propre de la mentalité féminine du XIX^e siècle de même qu'elle fait parler le désir en tant que langueur et volupté, éléments caractéristiques du code de la conquête amoureuse adolescente.

O enamorado poderia ser definido:
uma criança com tesão retesando seu arco:
como o jovem Eros. (Roland Barthes)

MENINO DIVINO, TERNO AMANTE

Foi assim que, sem saber, Psiquê
se tomou ela própria de amor pelo Amor.
Então, cada vez mais se consumiu no desejo
ardente pelo Autor dos desejos. (Apuleio)

A popularidade da poesia de Casimiro de Abreu - "o belo, doce e meigo" romântico, "predileto dos cestos de costura", deveu-se não só a "uma descida de tom" em relação à poesia de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Junqueira Freire, mas, principalmente, à maneira como compôs, ao gosto da época, a face feminina, ou a *Anima*, do discurso erótico romântico, expressando tanto a *imagem* primordial do feminino inconsciente e infantil, quanto a *imagem* coletiva, ideal e social, da mulher de seu tempo.¹ Em outras palavras, Casimiro de Abreu dirigiu-se a cada mulher, identificando-a, ou fazendo-a identificar-se, com sua natureza instintiva e com sua máscara ou *persona*, determinada pelas funções sociais que exigiam dela a personificação de namorada inexperiente dos sonhos de infância, de mãe protetora e de amante pura e exclusiva. Esse imaginário feminino, entre a natureza e a cultura, teve a eficácia de traduzir a *psique* feminina da época — e de fazer-se entender por ela — em seu espaço de maturação, entre a intimidade do meio doméstico, simples, despretensioso e conservador, e a artificialidade renovadora dos salões e saletas onde se cantava, se recitava, se tocava piano, se dançava e onde se aprendiam as sutilezas ou as manhas do namoro e da sedução. Por isso mesmo, a poesia de Casimiro de Abreu tem a marca inconfundível da *ars amatoria* dos livros ou páginas d'alma, dos álbuns de poesia, tão em voga na época. Seu código e seu contrato erótico definem-se em torno de um mitologema que podemos chamar de a *flor venusina*, que tem na lenda de Eros e Psiquê, narrada em *O asno de ouro*, de Apuleio, sua mais bela expressão. Importa lembrar que o substrato erótico dessa narrativa é que sustenta a magia e o encanto de estórias como as de *A bela e a fera*, *O rei sapo*, *Rosa Branca* e

Rosa Vermelha no que elas apresentam de simbolismo da iniciação sexual, de rito de passagem da infância para a adolescência ou limiar da maturidade física. Vejamos algumas características do tema da *flor venusina*:

1. caracterização do amor lascívia, que evolui entre jogos, brincadeiras e armadilhas do pudor em luta com a sensualidade; metamorfose do rosado Cupido no feroso Eros, raptor/raptado de Psiquê;

2. erotização da atmosfera familiar com a presença da "amante/irmã", simbolismo e reflexo de uma concepção edênica da existência e da infância prodigiosa, na qual o amor convizinha com o incesto e a violação, no nível do desejo;

3. caracterização do amante divino, ao mesmo tempo onipotente e frágil, feminino e másculo; cântico de Eros-hermafrodita, o que traz como emblema a flor de Vênus, mas é o portador do falo;

4. caracterização da amante como a donzela prestes a participar de uma natureza ou estado divinos, introduzida/seduzida pelo amante; mergulho nas "trevas luminosas", nas sombras do inconsciente, simbolizado na aventura de Korê/Psiquê, levadas, ou pelo descuido ou pela curiosidade — duas faces ou técnicas da sedução — aos abismos do desejo e do prazer;

5. mitificação da vida campestre, em que o cântico floral dos mitos de Vênus e de Prosérpina expressa a experiência erótica como iniciação concomitante nos mistérios da sexualidade e da morte;

Enfim, o tema da flor venusina expressa a aventura ao lado sombrio ou ainda sombreado da existência, em que ao doce langor de Eros, o que desata os membros, se enlaça a volúpia de Psiquê, a que transtorna a ordem olímpica — alegoria magnífica do terremoto passionnal da adolescência, assim como da experiência da vertigem orgástica, de onde se renasce com a marca iniciática da dissolução — doçura de aniquilamento no outro, perda de todas as referências, da qual decorre tanto a integração do ser no mundo quanto a consciência de sua solidão; necessária violação dos limites entre amor e morte para a afirmação do erotismo pleno.

Em *Canto de amor*², de Casimiro de Abreu, podemos identificar o imaginário relativo à busca erótica da imagem projetada da alma, o cântico floral em que a languidez mútua da "flor pendida", do "lírio que já murcho cai" preludia o e- lançamento de Eros na tensão máxima — "corda extrema que já vai quebrar!" — de seu movimento instintivo para a imersão em Psiquê, totalidade ainda indiferenciada do desejo, objeto da carência de que Amor é feito:

I

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como dum desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

.....
No silêncio da noite a virgem vinha
Soltas as tranças junto a mim dormir;
E era bela, meu Deus, assim sozinha
No seu sono d'infante inda a sorrir!...

II

.....
Que rosto d'anjo, qual estátua antiga
No altar erguida, já caído o véu!
Que olhar de fogo, que paixão instiga!
Que níveo colo prometendo um céu!

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que um vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lira achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

.....
Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delírios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

IV

Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da fantasia nas douradas asas
Nós viveremos noutro mundo — além!

.....
Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e belo como e grande o mar,
E doce e triste como d'harpá um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lírio que já murcho cai!
Ampara o lírio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lírio que morrendo vai!...

À atmosfera burguesa de jardins e chácaras, num período em que se fazia a transição da vida do campo para a vida da cidade, tal como analisou Antônio Cândido, quadrava bem o angelismo casimiriano, sobretudo porque, no novo querubim, a candura e a sensualidade educadas do rococô gonzaguiano se transformavam nesse arrebatamento, estouvado e comovente, de erotismo adolescente, que também transparece nos romances de namoro de Macedo, idílios restauradores de uma idade de ouro em que "a mulher de sensibilidade" e "o homem de gênio, o poeta ardente" sonham vencer os obstáculos da nova ordem histórica e social, nas asas da poesia e da inspiração. A poesia erótica de Casimiro de Abreu mantém uma linha nostálgica de inspiração bucólica não apenas em decorrência de suas contrariedades com a família, que lhe alterava os projetos e o futuro, mas também em decorrência do surgimento de uma mentalidade prática e positiva, que atirava a nova sociedade nas competições políticas e econômicas da vida urbana. Sílvio Romero descreve, com ironia e simpatia, o conflito entre os *sérios* e os *insensatos*, os *homens práticos* e os *românticos*, conflito de que se teria derivado a onda de melancolia e choramingação na poesia e no gosto poético da época de Casimiro de Abreu:

É preciso que me compreendam: eu não contes- to a sinceridade do poeta quando relata os seus sofrimentos. Creio bem em tudo que nos conta.

Censuro os excessos dos seus panegiristas e procuro diagnosticar-lhe a verdadeira medida e intensidade das dores.

Todo aquele barulho era apenas pela mor parte um desequilíbrio orgânico e subjetivo, estimulado por uma esquisita mania da época.

O poeta foi vítima de sua organização franzina e débil e das tolices e extravagâncias do meio social que o cercava.

É certo que o pai lhe vedou a matrícula numa academia e o atirou ao comércio.

Este fato simplíssimo, e muitas vezes vantajoso, ensandeceu a cabeça do poeta e apareceu-lhe como um suplício intolerável. Daí a exacerbação, a tristeza, o desespero íntimo. Tudo pura subjetividade.

A razão disto? É a seguinte: naquele tempo estávamos na fase agudíssima da *sensibilité nationale*; o romanticismo melancolizante imperava sem estorvo algum.

A sociedade dividia-se em dous grandes grupos: os homens *práticos* e *positivos* e os *poetas* e *senhadores*.

Os primeiros eram os homens *sérios*, os outros eram os *boêmios*, os *gênios* sedentos d'ideal; aqueles eram os *burgueses* chatos e estúpidos, na linguagem dos *gênios*; estes para os seus inimigos não passavam de uns *malucos*, uns *extravagantes*

nocivos.

O desacordo não podia ser mais completo. Os tais homens *sérios* tinham sua profissão de fé e o primeiro artigo dela era a guerra aos terríveis *insensatos*, os desalmados *poetas*; o segundo artigo era a propáganda e o endeusamento da ignorância.

Os intitutados *gênios* tinham seu programa, cujo primeiro artigo era a libação do conhaque e o segundo era a vadiagem.

Havia por certo algumas exceções de um lado e doutro; mas essa era a intuição geral da época.³

A verdade da tradição literária, porém, registrou a grande popularidade de Casimiro de Abreu; escreve Sílvio Romero, como tantos outros críticos depois: "não houve jamais entre nós poeta mais lido; tem sido o predileto do belo sexo nacional."⁴

Aqui chegamos ao ponto do que pretendemos defender: a popularidade de Casimiro de Abreu deve-se ao fato de ele haver fixado em poesia a eterna linguagem dos enamorados em busca de sua *flor venusina*, expressando o que amor tem de atraente e ambígua feminidade, de inquietante androginia ante o indiferenciado da inexperiência e do abismamento amoroso, que torna o amante objeto do desejo que supõe no ser amado. O grito/apelo do amante adolescente e narcísico é: "vê: sou tudo o que tu desejas" e não: "o queres tu que eu seja?" — O possuidor torna-se ele próprio possuído de sua possessão, violentador violado na transgressão dos limites entre a agressão e passividade, entre fraqueza e força, assalto e entrega. O estado de privação é a condição do desejo. "Ninguém deseja senão o de que se julga privado", diz Dioteme a Sócrates. Daí Eros só poder unir-se a Psiquê na sombra, na privação da luz, no inconsciente; para que amor se realize é preciso que ao vazio do desejo corresponda o excessivo do objeto desejado, ou que à carência sempre se apresente uma expectativa de plenitude. "És bela, eu moço. És Psiquê, eu Eros. És plenitude, eu vazio." Tal é o paradoxo do amor: a revelação do excessivo da beleza e do excessivo que há na privação/desejo de beleza é que afasta Eros de Psiquê, para uni-los em outra privação — a da paixão insaciável. Eros se enfraquece ante a ira de Afrodite, transbordamento do excessivo zelo de si mesma; Amor teme o fogo que ele próprio atea, assim como receia expor no espelho do rosto o ardor que só pudor contém e que só na sombra se libera, já que cegueira e loucura condicionam seu estado.⁵ Tais são as imagens do desejo coerentes com a poesia adolescente de Casimiro: privação, falta, carência insaciável, que caracteriza seu estado de languidez e expectativa; transbordamento do excessivo que dá

forma à volúpia. Assim se explica a pulsão de aniquilamento que se une ao amor, nessa busca paradoxal de plenitude que há na paixão como preenchimento impossível de uma carência excessiva. (Todo amor adolescente é feito de carência, já que é prelúdio de realização plena do amor idealizado. É sempre a imagem de uma sombra, de um fantasma/fantasia.) Ou, ainda, na busca da plenitude na dissolução e no vazio da individualidade — que é, de resto, essência de toda paixão, adolescente ou adulta.

E assim se explicam as imagens de Amor e Medo em que Medo é metonímia de Psiqué, do excessivo da plenitude em relação ao excessivo do vazio que define o desejo. O desejo teme a plenitude porque ela é a dissolução extrema, o extremo aniquilamento que se identifica com a morte. A hipérbole do amor que suscita o fogo e não pode ser aplacado pelo fogo, do amor que arde na sombra e dela necessita, é, na poética casimiriana, a expressão da violência que há no desejo como necessidade e exigência — necessidade porque se dirige ao fantasma/fantasia do desejo e não ao objeto real; exigência sacrílega e destruidora, porque não leva em conta a liberdade e a singularidade do objeto desejado:

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
"— Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das longas horas a correr velozes.
.....
Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúis da terra.

Amor e medo. PC. p. 175-178

O vampirismo manifesto, como delito de amor, união e fascínio entre amor e morte, Eros e Tanatos, é uma nota rara na poesia de Casimiro de Abreu. Manifesta-se mais no nível do latente, mantendo e insinuando o interdito, com as imagens antitéticas do angelismo ingenuamente malicioso de Cupido menino, em que *sugar o sangue* — equivalente a colher a flor venusina, grinalda da virgindade, ato de apoderação/devoração tanto da alma quanto do corpo — é referido, metonímica e indiretamente, por *sugar/sorver a seiva* — sopro vital, alma, Psiquê, ou, ainda, *receber o orvalho*, atributo de Vênus e metonímia da água originada do sêmen de Urano. Seiva e orvalho, assim como todas as imagens relativas a lágrimas de amor, a perfume e a gota d'água, ocultam o impulso dionisiaco e fálico, travestindo-o com as imagens do seio gerador e protetor, dom/dádiva natural da mulher amada, função de Afrodite enquanto mãe/companheira de Eros, que simboliza o destino divino e a predestinação maternal e erótica da mulher. Aí reside uma das atrações do erotismo casimiriano: a sinuosidade sedutora da linguagem disfarça a avidez e a urgência do desejo na carência, no desvalimento terno e infantil.

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lágrima cristalina
Banhrou-te a face divina
E a bela frente inspirada
Pálida e triste pendeu?!

Choraste?! — e longe não pude
Sorver-te a lágrima pura
Que banhrou-te a formosura!
Ouvir-te a voz de alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cair-te aos pés,
Oferecer-te esta vida
No sacrifício mais santo
Para poupar-te esse pranto
Que te rolou sobre a tez!

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor ofendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palácio de fada,
— No sonhar de fantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quis manchar-te na orgia!

.....

Perdão, oh! flor dos amores,
Se quis manchar-te os verdores,
Se quis tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

Perdão. PC. p. 179-180

É doce o pranto de gentil donzela,
É sempre belo quando a virgem chora:
— Semelha a rosa pudibunda e bela
Toda banhada do orvalho da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
É a mesma gota transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E às flores todas — tão feliz amante! —
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
— Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

Quando tu choras. PC. p. 137-138

A borboleta travessa
Vive de sol e de flores...
— Eu quero o sol dos teus olhos,
O néctar de teus amores!

Cativo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta!

Violeta. PC. p. 145

Feliz! Feliz quem pudera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz, oh! flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

Sonhos de virgem. PC. p. 151

Ai! se eu pudesse, formosa,
Roçar-te os lábios de rosa
 Como às flores
 — Seus amores —
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hinos
Erquera cantos divinos
 Por ti! Por ti!
Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
 — Qual na aurora
 Que descora
 Desfolhado bogari;
Mas lá na campa na beira
Será a voz derradeira
 Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
À minh'alma dá conforto,
 Diz na lousa:
 — "Ele repousa,
Coitado! descansa aqui!"
Ai! não t'esqueças senhora,
Da fíor pendida n'aurora
 Por ti! Por ti!...

Queixumes. PC. p. 172-173

No seio edênico, na ignorância feliz da infância reencontrada, o abraço imóvel substitui e prepara o transbordamento do desejo. A maternidade mascara a genitalidade na volúpia infantil do *bercement*, do adormecimento. Eros mergulha num profundo sono nos braços de Psiquê, rival e *alter-ego* de Afrodite. Mas, se a ternura acalma e adormece o corpo, já na sombra o Amor se prepara a voluptuosidade do renascimento, da alvorada da plenitude e do vazio insaciável do desejo.⁶ A suspensão temporária do desejo e da pulsão erótica, na ternura e no abraço infantil, encarece tanto a privação, a expectativa e a contensão do amante, quanto a magia que há na amada como fonte de prazer, de vida e de criação; por isso, a selva feminina substitui metonicamente o sêmen do impulso gerador:

Juntas, unidas num estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas d'imortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu canto é santo,
É grande e belo como é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lírio que já murcho cai!
Ampara o lírio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lírio que morrendo vai!...

Canto de amor. PC. p. 142-143

Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite
Pendida no arrebol!
Dã-me um carinho dessa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios desse sol!

Bem vês, sou como a planta que define
Torrada do calor.
— Dã-me o riso feliz em vez de mágua...
O lírio morto quer a gota d'água,
— Eu quero o teu amor!

Pepita. PC. p. 167

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gota de bendito orvalho
E a flor pendida a revolver tornou.

***** III. PC. p. 272

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavais ao correr;
Tu foste a gota dourada
E o lírio pôde viver.

Anjo! PC. p. 275

LANGOR, IRMÃO DA VOLÚPIA, DOENÇA DE AMOR

Entretanto Ceres e Juno censuraram a ira violenta de Vênus contra Cupido, amante de Psiquê: "Que crime, senhora, cometeu teu filho, para que com ânimo inflexível contraries seus prazeres e diligências com paixão a perda daquela que ele ama? Ora, vamos, será tão grande crime gostar de se divertir com uma bonita moça? Ignoras que é macho e jovem, ou esqueceste a sua idade? Ou é porque ele carrega gentilmente os seus anos que tu o vês sempre como um menino? Mãe tu és e mulher cordata. Irás sempre espionar suas folias, acusá-lo de má conduta, reprovar os seus amores e condenar num filho tão formoso as tuas artes e a tua volúpia?

(Apuleio)

Nos relatos míticos sobre a infância cósmica, o poder fálico acha-se intrinsecamente ligado ao poder materno. A criança é falo e é o falo da mãe, como transparece nos mitos relativos à origem de Afrodite e de Eros. Afrodite nasce da espuma ou do esperma de Urano, simbolizando tanto a força obscura e feminina que há na pulsão erótica e no inconsciente masculinos, quanto o deslocamento do poder que se transfere da onipotência da Mãe primordial para o princípio dionisíaco, afirmação dá diferença, imposição da ruptura e do dilaceramento na totalidade indiferenciada do princípio feminino. Eros, numa das versões de sua origem,

nasce também das águas, como ser alado e bissexuado, ornamentado de uma flor; a flor venusina. A flor de Vênus, portanto, é marca residual da onipotência mágica do feminino assim como atributo do elemento masculino, potência maior da força procriadora. É a figuração do estágio primordial, infantil, em que a harmonia reside na indiferenciação, na fusão de elementos contrários, antes da afirmação do elemento masculino, do princípio ativo que preside o universo centrado no Pai, no falo, na diferença.

A eficácia da erótica casimiriiana é determinada pela maneira como o poeta expressou o imaginário infantil, próximo daquele dos mitos e das histórias de fadas. Sua poesia expressa as ânsias ante a diferenciação, o abandono infantil e os conflitos da adolescência ante o amor e o sexo. Assim podemos relacionar o *cântico floral* de sua poesia com a descida às sombras do indiferenciado, do desejo, da morte, no mito de Prosérpina, e com o nascimento e a afirmação da pulsão masculina, como são figurados nos mitos de Eros e Afrodite.⁷ Os mitemas principais do cântico floral casimiriiano são a *rosa* e o *lírio*. Atributo de Vênus, a rosa de Eros prende-se ao simbolismo aquático, relacionado com o princípio feminino, com o inconsciente e o caos das origens e, ainda, com a representação do surgimento da pulsão masculina e criadora como mutilação, dilaceramento e ruptura da amorfia primordial. Associa-se, desse modo, ao tema do amor e da morte em decorrência da angústia da fragmentação/castração que caracteriza o universo e o imaginário infantil. O lírio, como o açafrao, é a flor predileta de Korê/Prosérpina antes de ser atraída pelo narciso do Hades; esse rapto e essa descida às sombras figuram o estado de fragilidade e candura da criança sujeita a toda a sorte de perigos; mas, considerando-se a aparição/renascimento cíclico de Perséfone, o mito relaciona-se com o simbolismo positivo do feminino lunar que rompe as trevas e assegura a continuidade da vida. A figura de Korê, a virgem lirial, representa também o narcisismo imprevidente que leva à perdição assim como a nostalgia de um estado de plenitude virginal, serena e descuidada.

De modo geral, na poesia de Casimiro de Abreu, a rosa simboliza a pulsão erótica que leva aos desvarios do amor e da imaginação, as forças instintivas, o impulso irracional do lado sombrio da alma, como o de Eros, na fábula de Apuleio, ferido pelo próprio fogo, castigado por Afrodite. O lírio é o espírito não-formado, a alma que almeja a plenitude e que a perde, ou pela inexperiência infantil ou pela curiosidade ante a atração de forças mais poderosas. Representa o objeto do desejo de Eros, as aspirações impossíveis, a pureza e a ignorância do mal, a fragi-

lidade ante a morte e o desencanto. A rosa e o lírio, portanto, estão relacionados com as aspirações espirituais e os anseios eróticos, com o impulso sexual do inconsciente e com forças repressivas que determinam o dilema entre sensualidade e espiritualidade, experiência e ignorância, prazer e dor, vida e morte.

Vejamos alguns exemplos da reiteração desse simbolismo na poesia casimiriãna:

Falo a ti — doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada dum cismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigília
Entre as rosas gentis do meu futuro.

A ***. PC. p. 33

Se entre as rosas das minhas — Primavera —
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas!

A ***. PC. p. 34

Essa rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pálido emblema de amor;
É uma folha caída
Do livro da minha vida,
Um canto imenso de dor!
.....
Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sai do lar fagueiro,
Duma lágrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som dum beijo primeiro.

Rosa murcha. PC. p. 57

Nestas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
Desses cantos de amizade,
Permite que venha agora
Quem longe da pátria chora
Bem triste gravar: saudade!

No álbum de J.C.M. PC. p. 67

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
— Não foge a rosa quando o sol a busca,
Antes se abrasa nos gentis fulgores.

Mocidade. PC. p. 183

Filha do céu — oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar num céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgíneo leito.

Noivado. PC. p. 187

A mocidade, como a deusa antiga,
Na frente virgem lhe derrama flores...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

De joelhos. PC. p. 190

A brisa dizia à rosa:
— "Dã, formosa,
Dã-me, linda, o teu amor,
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio
Sem receio, minha flor!

Uma história. PC. p. 237

Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto ame!
— Adeus, oh! sonhos dourados,
Adeus, oh! noites formosas,
Adeus, futuro de rosas
Que nos meus sonhos criei!

No leito. PC. p. 241

Como ostentas sedução!
Oh! como és linda e formosa,
como és bela e caprichosa,
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!
.....
Oh! como falas de amor,
Mimosa, purpúrea flor!
Mas eu não te colho, não!...
.....
Depois veio o furacão
E ai! deixou-a caída,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem cor, sem vida!...
— Uma rosa, uma ilusão.

A rosa. PC. p. 299/300

Carpir o lírio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fonte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos!

Rosa murcha. PC. p. 58

Tu vês a flor da campina,
E bela e terna e divina,
Tu dã-lhes o que essa alma tem;
Depois passado o delírio,
Esqueces o pobre lírio
Em troca duma cecém!

Borboleta. PC. p. 134

Viste o lírio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lírio da campina?
Pois, divina,
Como o lírio assim sou eu!

Assim! PC. p. 153

Bem vês, sou como a planta que define
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez de mágoa...
O lírio morto quer a gota d'água,
— Eu quero o teu amor!

Pepita. PC. p. 167

Vem! tudo é tranqüilo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lírio do valado...
— Sozinhos, sobre a relva da campina,
Que belo que será nosso noivado!

Noivado. PC. p. 188

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
— Bem como a rola — qualquer folha a espanta,
— Bem como o lírio — qualquer vento a mata.

Ela é a rola que a floresta cria,
Ela é o lírio que a manhã descerra...
Senhor, amai-a! — a sua voz macia
Como a das aves, a inocência encerra!

De joelhos. PC. p. 190

Pois não fora melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No sossego do val?...
— Não veríamos nós neste martírio
Desfalecer tão belo o pobre lírio
Pendido no vendaval!

À morte de Afonso de A.Coutinho
Messeder. PC. p. 220

É cedo ainda! — quando moça fores
E percorrer deste livro os cantos,
Talvez que eu durma solitário e mudo
— Lírio pendido a que ninguém deu prantos!

Berço e túmulo. PC. p. 223

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã!
Tu foste o lírio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

***** III...PC. p. 271

Agora em vão procuro aqueles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo.
Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não pode sonhar! Meu Deus, é tarde!
A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o pátrio céu estrelas vivas,
Nem lírios as manhãs.

Meu livro negro-I. PC. p. 328/329

No cântico floral, o rapto ou arroubo amoroso é personificado em Zêfiro, o suave amante de Flora, representado como um jovem com asas de borboleta, tendo a cabeça ornada com uma coroa ou grinalda de variadas flores. Na fábula de Apuleio, o doce hãlito de Zêfiro agita as vestes de Psiquê, ergue-a suavemente e leva-a do rochedo solitário para depositá-la no leito de relva florida onde ela despertará para ir ao encontro de Eros, o amante das trevas luminosas. Na natureza crepuscular do desejo, o alento ou sopro erótico é a objetivação da surpresa de preenchimento do vazio que caracteriza o desejo, é a imagem do arroubo que assalta a alma aberta em disponibilidade e expectativa para o prazer. A narrativa e a poesia de namoro da época casimiriana estão repletas de favônios e brisas. Nelas, a linguagem da sedução se reveste de langor, feminino e terno, que convida ao arrebatamento do corpo e do espírito, à pulsão irresistível dos instintos. Pode-se bem depreender o impacto dessa literatura da alvorada do desejo e da liberação do inconsciente, no duelo coral entre Honorina e o Moço Loiro, personagens de Macedo. Honorina, personificação da amante de sensibilidade, lança seu repto:

Esses olhos, que dardejam
Sobre ti chamas de amor,
Podem verter em teu seio
Doce veneno traidor.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deus!...

Sê, ó virgem, sê somente
Sempre a rosa do Senhor...
Vê que o vento afronta às vezes
A do mundo pobre flor.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deus!...

O canto do Moço Loiro dá voz ao rapto erótico, em que ao namoro sucede o enamoramento, envolvimento irreprimível, perturbador da paz edênica, amorfa e infantil:

Lembra, que esse amor de poeta,
Em que pode um'alma arder,
Mesmo acabando na morte
Por força belo há de ser.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sopro de Deus!...

Qual cede a rosa ao favônio
Vivo aroma encantador;
Ao homem nobre e constante
Ceda a virgem seu amor.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sopro de Deus!...⁸

Na poesia de Casimiro de Abreu, o arabesco erótico também se tece em torno das imagens relativas ao movimento langoroso e fecundador de Favônio, a brisa primaveril, e de Zéfiro, o portador da vida e das flores. Todavia, à agitação da alma adolescente, no limiar da paixão, corresponde ainda a imagem de Bóreas, símbolo do princípio ativo e renovador oriundo da destruição e da tormenta. As imagens centradas no simbolismo de *brisas* e *vendavais* registram a tensão ascendente do raptó erótico. O arabesco se torna torvelinho, que une Eros a Tanatos. Esse dualismo pulsional desfaz a atmosfera de leveza e levandade do imaginário rococó e infantil, processando-se a iniciação na tragédia romântica, determinada pela perda da onipotência mágica, da qual decorrem o dilaceramento e a afirmação dionisiaca. Nessa mutação, as convenções poéticas da herança arcádica que ainda cercelam a expressão do sentimento amoroso e a descrição da natureza, são substituídas por uma manifestação mais espontânea, menos superficial:

Tu folgas travessa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
Nesse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem pode murchá-la o vento!

Palavras a alguém. PC. p. 215

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o pano a viração sutil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

***** III. PC. p. 271

A tua voz me alegre e me embriaga;
Assim a brisa, de perfumes rica,
Sussurra nos rosais, suspira e afaga...
Passa, é verdade; mas o aroma fica.

A J. PC. p. 318

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Primaveras. PC. p. 107

Minh'alma é um jardim oculto em sombras
Co'as flores em botão;
— Vem ser da primavera o sopro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

Pepita. PC. p. 167

Qual eco fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnólia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe — bem longe — devagar se perde.

Noivado. PC. p. 188

— "Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz às brisas e perfume à rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

.....
Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corola pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

De joelhos. PC. p. 189

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já tens amores belos,
P'ra que vais dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor traída
Na débil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciúmes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?

Borboleta. PC. p. 133

E a rosa dizia à brisa:
— "Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!" —
— — —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre dela! — Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou!...

Uma história. PC. p. 238

Sonhavas então, querida,
E presa de vago anseio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome num soluço
À flor dos lábios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicío...
E abriste os olhos sorrindo
Às águas quietas do rio!

Sonhando. PC. p. 201/202

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

.....
Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os cílios pendidos nos olhos tão belos,
E a brisa brincando nos soltos cabelos
De fino cetim!

.....
Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Falei-lhe de amor!

Ao hálito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ânsias dum sonho que é lindo,
A virgem na rede corando e sorrindo...
Beijou-me — a sonhar!

Na rede. PC. p. 83/85

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.
.....
E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr-do-sol saudoso,
Mole vergando à viração do mar.

Canto de amor. PC. p. 139

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

Amor e medo. PC. p. 176

Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa,
No vale
Do vento
Cruento
Batida,
Sem vida
No chão!

A valsa. PC. p. 131/132

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sopro da viração;
Mas vê-la depois lascada
Em duas cair no chão!...

Pois não é?! PC. p. 246

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'ó sorrir nos lábios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se belo d'ilusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nu das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortúnio!

Fragmento. PC. p. 273

Poeta e amante eu um mundo sonhei
Repleto de gozos, um mundo ideal...
Fugiram os sonhos que tanto afaguei,
Como a flor tombada por um vendaval!

A amizade. PC. p. 306

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na súplica de d'ó!
No campo a primavera estende os mimos
Tudo é verde no monte e na colina...
Mas ai! no inverno eu só!

Meu livro negro-I. PC. p. 329

Erotismo, no que implica de experiência e de afirmação da vida até na morte, conforme a conhecida expressão de Georges Bataille, parece-nos a nota mais importante da poesia amorosa de

Casimiro de Abreu, sobretudo porque ela corresponde a uma época de transição e de transformação de valores sociais e familiares.

Numa época em que o convívio urbano intensificava o relacionamento entre as pessoas, mudavam-se evidentemente as regras matrimoniais. A instituição do namoro determinou o desenvolvimento da técnica da sedução em que os namorados valiam também pelo poder de agradar, de despertar interesse e atração. A literatura, então, consagra e sacraliza a pulsão erótica masculina, a perturbação feminina. O frêmito dionisíaco abala o regime edênico do enclausuramento campestre, os jardins se abrem para o bulício dos salões, para os jogos eróticos.

A pulsão erótica, na obra casimiriana, assim como na obra de Macedo, raramente se reveste de luxúria, de desejo desenfreado. A maioria das vezes aparece revestida de atraente *lascívia*, no sentido primeiro do termo, ou seja, jovialidade, graça, brincadeira, brinquedos ousados. É a *lascívia puerilis*, *lascívia naturalae*, da iniciação amorosa, que segue uma tradição arcádica, ainda longe da intemperança ultra-romântica mas bem próxima da alegre sensualidade rococô ou de um típico langor brasileiro, mesclado de "fina malícia" — tal como C. de Abreu define o humor.

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras do infantil desgosto
Tornam mais belo o cristalino pranto.

Oh! nessa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
E quase ao pranto se mistura o riso.

Quando tu choras. PC. p. 137

Que céus, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vêm?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fonte adorada
Num cismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?

Sonhos de virgem. PC. p. 149/150

Num jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorria anelante,
Quase louco, delirante,
O sorrir interessante
De teus lábios corados?...

Os teus olhos eram - chamas.
A tua boca - um portento,
As tuas faces - mimosas,
Tua expressão - sentimento;
Eu olhava extasiado,
Eu sofria calado
Esse sentir abrasado,
Esse amor que era - tormento!

Os olhos então falavam
Uma sublime linguagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem
Embalando docemente
Ora as águas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus lábios aos teus
Que abrasavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo...
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor!...

.....
.....
Diz-me, Júlia, não te lembras
Daquela tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?
Daquela tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil!...

Lembras-te? PC. p. 287/288

Sempre teu lábio severo
Me chama de borboleta!
- Se eu deixo as rosas do prado
É só por tí - violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas,
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que às rosas.

A borboleta travessa
Vive de sol e de flores...
- Eu quero o sol de teus olhos,
O néctar dos teus amores!

Cativo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel - violeta!

Violeta. PC. p. 145

Mas hoje minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lágrimas queixosas
Que as tuas faces mimosas
Vêm molhar!

.....
Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outrora
O infiel:

Prende-me...nesses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este cativo
Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometo, anjo querido,
Não desprender um gemido
Nem um só!

Cena íntima. PC. p. 113/114

Não era belo, Maria,
Aquele tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores?
Da vida na primavera?
— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiã mais gorjeios,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma inocentinha?
— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aqueles doces instantes
De poética harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabelos?
— Belos!

Como tremias, oh! vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
Naquela encantada aurora!
— Ora!

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do cajueiro —
Lá na lagoa nas bordas
Aquele beijo primeiro?
Ia o dia já findando...
— Quando?!...

Quando?!...PC. p. 155/156

Tu dizes, ó Mariquinhas
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como há de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo poeta é vário,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, neste instante,
Eu vou provar-te o contrário.

.....
"Pelas ondas, pelas flores,
Que se estremecem de amores
Da brisa ao sopro lascivo;
Eu juro, por minha vida,
Deitar-me a teus pés, querida,
Humilde como um cativo!

Pelos lírios, pelas rosas,
Pelas estrelas formosas,
Pelo sol que brilha agora,
— Eu juro dar-te, Maria,
Quarenta beijos por dia
E dez abraços por hora!"

O juramento está feito,
Fol dito co'a mão no peito
Apontando ao coração,
E agora — por vida minha,
Tu verás, oh, moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Juramento. PC. p. 115/117

Os matizes sutis do desejo amoroso, que formam a escala do raptó erótico, são personificados, na mitologia clássica pela Volúpia, nascida do casamento de Eros e Psiquê, e por Pothos e Himeros, principais companheiros do jovem deus do Amor. No código amoroso, podemos distinguir uma graduação crescente do desejo: de Pothos à Volúpia, da Volúpia a Himeros.

Pothos é o indefinível desejo do objeto distanciado ou vivido na promessa da presença, saudade ou anseio disseminados que se definem como langor. É a pura experiência da privação do objeto, desejo esvaziado da urgência da posse. Estado de expectativa constante em que o corpo de Eros está em toda a parte: o corpo disseminado de Eros ferido pelo próprio fogo toma todo o

espaço que circunda o amante. Como fluxo amolentador, mina todas as resistências, por isso instala o cansaço amoroso, a languidez. Esse desfalecimento amoroso toca os limites da morte — por isso Roland Barthes define a languidez como *hemorragia*, escancaramento de toda a energia pulsional, que deixa no amante a marca da indolência, até mesmo da apatia, próxima do êxtase e da mudez. O raptó amoroso, sob o signo de Pothos, é indizível, incomunicável, porque o ser tomado pelo seu arroubo está exaurido, esgotado num esvaimento infinito. É a festa dos sentidos escancarados na expectativa do inominado do desejo. A languidez configura o quebrantamento progressivo e lento que há na poesia casimiriana:

— Que noite e que baile! — Seu hálito virgem
Queimava-me as faces no louco valsar,
As falas sentidas que os olhos falavam
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bela rendida ao cansaço
Morrendo de amores em tal languidez!
— Que noite e que festa! e que lânguido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do colo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,
Mistérios profundos que eu mesmo não sei;
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me mataram, de amor suspirei!
— Agora eu vos juro... Palavra! — não minto!

Ouvi-a formosa também suspirar;
Os doces suspiros que os ecos ouviram
Não quero, não posso, não devo contar!

Segredos. PC. p. 122

Doce filha da lânguida tristeza,
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis à luz da vida,
Vem ouvir no silêncio a voz da minha!

Mocidade. PC. p. 184

Vi-a e não vi-a! Foi num segundo,
Tal como a brisa do perpassar na flor,
Mas nesse instante resumí um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'afago,
E a minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflete sobre a flor dum lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista espairecendo vaga,
Quase indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

.....
Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e belo, como é grande o mar,
É doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lírio que já murcho cai!
Ampara o lírio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lírio que morrendo vai!...

Canto de amor. PC. p. 140/143

É então que a minha alma dormente
Duma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, inocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar sossegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na popa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

.....
Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido dum dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua ilumina
O horizonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas cismando, inciçada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delírio nos meus se fitando,
E uma voz em acentos plangentes
Vem de longe um - adeus - soluçando!

Três cantos. PC. p. 198/199

A languidez, como doença de Eros, gera na poesia casimiri-
na duas grandes linhas de representação simbólica:

1. Caracterização do fenecimento do universo floral, alego-
ria do esvaimento amoroso em que Eros, a flor de Vênus, perde
a potência de seu arco e de suas flechas. As imagens se cons-
troem em torno de certas palavras-chave: pender, fenecer, cair,
murchar, desbotar, desfolhar, que instituem o código do desfa-
lecimento/esmorecimento da pulsão erótica, diante da expectativa
ou do desengano do transbordamento da volúpia.

2. Transferência da potência fálica para o elemento femini-
no, o qual se transforma em fonte revigoradora, de que decorre
a transubstanciação do sêmen em orvalho, gota d'água, lágrima de
amor que aplaca a queimadura suave da lâmpada de Psiquê ou cura
a chaga do Amor no corpo de Eros.

I

São flores murchas; - o jardim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos lábios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Primaveras. PC. p. 108

Não sabes que a flor traída
Na débil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciúmes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?

.....
Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sopro da brisa,
Os ais do teu coração?

.....
Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca duma outra flor;
Ela - a triste, molemente
Pendida sobre a corrente
Falece à mingua d'amor.

Borboleta. PC. p. 133/135

Viste o lírio da campina?
Lã s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lírio da campina?
Pois, divina,
Como o lírio assim sou eu!

Assim! PC. p. 153

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
É meu canto
- Todo pranto -
Qual a voz da juriti!
.....
Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
- Qual na aurora
Que descora
Desfolhado bogari;

.....
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora,
Por ti! Por ti!...

Queixumes. PC. p. 172/173

.....
Minh'alma quer ressuscitar nos cantos
Um só dos lírios que murchou o estio.
.....
Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida à beira do riacho ingrato;
.....
É como a flor que solitária pende
Sem ter carícias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguém entende
Que a pobrezinha só de amor precisa!

Minh'alma é triste. PC. p. 210/211

É triste como um gemido,
É vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras duma ruína
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lírio s'inclina!
.....
Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinaldas de murchas flores
Que o sol queima e não consome...

Folha negra. PC. p. 217/218

.....
Talvez que eu durma solitário e mudo
— Lírio pendido a que ninguém deu prantos!

Berço e túmulo. PC. p. 223

II

Os trêmulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel.
.....
As tardes estivas,
E as rosas lascivas,
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorjeio
Da algum sabiã;

Poesia e amor. PC. p. 96

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: - como é linda a veiga!
Responde a rosa: Como é doce o orvalho!

Primaveras. PC. p. 108

Minh'alma é como a rocha toda estéril
Nos plainos do Sarã;
Vem tu - fada de amor - dar-lhe co'a vara...
- Qual do penedo que Moisés tocara
O jorro saltará.

.....
Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho dessa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios desse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
- Dá-me o riso feliz em vez de mágoa...
O lírio morto quer a gota d'água,
- Eu quero o teu amor!

Pepita. PC. p. 166/167

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergõntea nasce o galho;
E a flor p'ra ter mais vida,
Para ser - rosa querida -
Carece as gotas de orvalho.

A uma platéia. PC. p. 227

Deus te abençoe, querubim formoso,
Branca açucena que o paul^l brotou!
Teu pranto é gota de celeste gozo
Na úlcera funda que ninguém curou.
.....
Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gota de bendito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

***** III. PC. p. 269/272

Eu era a folha desfolhada
Dos vendavais ao correr;
Tu foste a gota dourada
E o lírio pode viver.

Anjo. PC. p. 275

A languidez é o núcleo da proposta poética de Casimiro de

Abreu:

O filho dos trópicos deve escrever numa
linguagem - propriamente sua - lânguida
como ele, quente como o sol que o abrasa,
grande e misteriosa como as suas matas
seculares; o beijo apaixonado das Celutas
deve inspirar epopéias como a dos - Timbiras -

e acordar os Renês enfastiados do desalento
que os mata.

Essa poética da languidez dá voz ao código eterno dos ena-
morados jovens: é melancolia de abandono, timidez e abalo das
primeiras descobertas amorosas; é hesitação entre o delírio apaix-
xonado e a idealização de amores castos; é, ainda, ansiedade dian-
te da efemeridade da vida e das grandes propostas do futuro. Tra-
duz, enfim, as *cismas*, os ensimesmamentos narcísicos da alma
adolescente — quebranto de Eros/cupido no tálamo materno, so-
frendo o exílio de Psiquê:

Sou como a pomba e como as vozes dela
É triste meu cantar;
— Flor dos trópicos - cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

Juriti. PC. p. 61

Dormia e sonhava - no rosto serena
Qual um serafim;
Os cílios pendidos nos olhos tão belos,
E a brisa brincando nos soltos cabelos
De frio cetim!

Dormia e sonhava - formosa, embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno num mágico anseio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava - de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Fendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Falei-lhe de amor!

Na rede. PC. p. 83/84

Em que cismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na mágica fragrância
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?

— A infância!

.....
Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horizonte solitária vela,
Por que cismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?

— Dela!

O quê? PC. p. 147

Que céus, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos de vêm?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito - por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
Num cismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo
O pensamento é - por mim?!

Sonhos de virgem. PC. p. 149/150

À languidez, fonte insaciável, segue-se o transbordamento/encharcamento da Volúpia, filha de Eros e Psiquê, colagem da privação do desejo ao objeto do anseio. A Volúpia é precipitação caudalosa, torrente de Eros que encharca o apaixonado, intumescce-o na gravidez do Amor, na turgidez do fruto do desejo esvaziado do fantasma da carência. Como escreve Roland Barthes, a aventura da Volúpia é a experiência da saturação, da *coincidência* - estar saturado (de *satis*: bastante) é estar na *coincidência* do desejo e de imagem do desejo. A Volúpia, torrente pródiga do corpo de Eros, impregna e dissolve o apaixonado no gozo do próprio gozo - saturação de dádiva e oferenda, de oferta e procura. Como a *satura* do culto de Ceres (oferta ritual de vários frutos àquela que prodigaliza os frutos) é a desmedida do dar e receber. A Volúpia, como fruto da união de Eros e Psiquê, é o excessivo esbanjamento do Amor, transbordamento dos limites do desejo, além da privação e do anseio. Como entesamento/tensão máxima do excessivo, a Volúpia centra o amante no alvo do gozo pleno - o alvo é o centro da circularidade sem contorno, vertiginosamente espiralada. A coincidência é que dá armas a Psiquê e seduz Eros: "As próprias trevas da noite não têm mais sombra para mim: eu tenho a ti, que és minha luz".

Na poesia de Casimiro de Abreu, a Volúpia configura-se como turbacão e excitação ilimitada, coincidência/tensão máxima de exigência e abandono em que o grito erótico predomina tanto como súplica quanto como oferta sedutora de transbordamento, de experiência da vertigem orgástica. As imagens da saturação erótica constroem-se em torno das palavras-chave intumescer (grafado entumecer), tremer, estremecer, desmaiar, palpitar, suspirar (de prazer, de gozo, de excitação, de dor amorosa).

Quero amor! quero vida! e longa e bela
Que eu, Senhor! não vivi - dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.
.....
Quero amor! quero vida! os lábios ardem...
Preciso as dores dum sentir profundo!
- Sôfrego a taça esgotarei dum trago
Embora a morte vá topar no fundo.
.....

Ave dos bosques, brisas das montanhas,
Bem-te-vis do campo, sabiás da prala,
— Cantai, correi, brilhai - minh'alma em ânsias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

No lar. PC. p. 72/73

Trememos de medo... a boca emudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os lábios se tocam no ardor de paixão!

Segredos. PC. p. 123

Ai! se eu te visse Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos - palpitante o seio!...

.....
No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Êbrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Amor e morte. PC. p. 177

Filha do céu - oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar num céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgíneo leito.

.....
Nas horas de silêncio lnda és mais bela!
Banhada do luar, num vago anseio,
Os negros olhos de volúpia mortos,
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta - meu amor só, vela:
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes dela.

Noivado. PC. p. 187

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delírios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade - lá!

Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, vem!
Da fantasia nas douradas asas
Nós viveremos noutro mundo - além!

Canto de amor. PC. p. 142

A Volúpia casimiriana detém-se no limiar de Hímeros, o desejo apaixonado, vizinho da fome. A languidez insinuante foi a arma/armadilha maior desse Eros brasileiro. Se Hímeros se põe em cena, o Medo, cavilosamente, coloca-o na sombra do interdito; ou Cupido o detém com suas brincadeiras graciosas e sensuais:

Morena, minha Morena
És bela, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores belas,
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das belas rainha,
Mas nos amores és má;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então: — "Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir!"
Mas naquele doce enleio,
Em vez de flores, no seio,
No teu seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã,
Assim ficaste, querida,
A face em pejo acendida,
Vermelha como romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E decerto mais ligeira
Qualquer gazela não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo também;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te - rosa da aldeia -
Como mais linda não há,
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Moreninha. PC. p. 80/81

Acreditamos que essa poética da languidez, que codifica o velho diálogo entre Adão e Eva, é que assegurou a eficácia da poesia de Casimiro de Abreu e a sua permanência no gosto popular. Languidez que incita à Volúpia e excita insidiosamente o desejo e o prazer, doce doença dos apaixonados, doença de Eros no exílio de Psiquê. Foi justamente esse exílio do Amor, ardendo em febre longe do objeto de seus desejos, que fez suspirar tanto moço, chorar tanta donzela; bem mais do que o exílio da terra das palmeiras e dos laranjais.

NOTAS

1. As expressões "belo, doce e meigo" e "predileto dos cestos de costura" aparecem no estudo dedicado a Casimiro de Abreu, em *Formação da Literatura Brasileira* (momentos decisivos), de Antônio Cândido, sem qualquer conotação depreciativa, mesmo porque esse estudo, mais do que qualquer outro na nossa crítica literária, ressalta "a velha estratégia de conquistador sonso", típica da lírica portuguesa e do "negaceio casimirião". Já a expressão "descida de tons" pertence a Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, o qual julga necessário apreciar a popularidade de Casimiro de Abreu, "na linha de compreensão do público médio".
2. Canto de amor. In: ABREU, Casimiro. *Poesias Completas*. São Paulo, Saraiva, 1961. p. 139-143. A edição é acompanhada de estudo crítico do professor Silveira Bueno. A organização, a revisão e as notas ficaram a cargo de Frederico José da Silva Ramos. Todas as citações serão feitas a partir desta edição, indicada por PC.
3. ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio, José Olympio, 1960. p. 1053. t. III. Parece-nos significativo o fato de Sílvio Romero admoestar, nessa obra, a poetisa Narcisca Amália, da teima "em choramingar, em fazer de Casimiro de Abreu"... (op. cit., p. 1056).
4. Idem, *ibidem*, p. 1050.
5. Nesse estudo, utilizamos a narrativa sobre a aventura amorosa de *Eros e Psiquê* tal como é apresentada por Apuleio, em *O Asno de Ouro*. Consultamos a tradução direta, feita do latim por Ruth Guimarães para a Editora Cultrix (S.P. 1963), com algumas pequenas modificações nos textos que servem de epígrafe, no único intuito de simplificar as citações.

O resumo da lenda é o seguinte:

Uma jovem de grande formosura, filha de um rei e de uma rainha, era venerada por todos como se fosse a própria Deusa Vênus. Sua fama estendeu-se a tal ponto que os mortais se esqueceram de oferecer sacrifícios em Pafos, em Cnido, em Citera, onde, anteriormente, a Deusa do Amor recebia todas as homenagens e favorecia àqueles que a honravam com preces e coroas. Enciumada e tomada de veemente cólera, Vênus chamou seu filho, o menino alado, e lhe suplicou que a vingasse daquela rivalidade em beleza. Impeliu o filho, deus do Amor, a fazer com que Psiquê fosse possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, a fim de que fosse castigada por uma paixão amal-

diçoada e abjeta.

Entretanto, Psiquê, com toda a sua estonteante beleza, não tirava nenhum proveito disso. Todos a admiravam, porém ninguém a amava, nenhum pretendente lhe oferecia casamento. Suas irmãs mais velhas, de beleza mais comum, já haviam alcançado pretendentes reais, enquanto ela chorava seu abandono. Os pais de Psiquê consultaram Apolo e pediram-lhe que desse à virgem desdenhada amor e um marido. O oráculo revelou que Psiquê deveria ser abandonada sobre um rochedo escarpado, para núpcias de morte. Todos lamentaram a sorte da formosa donzela, mas obedeceram às advertências celestes.

No local do sacrifício Psiquê chorava quando Zéfiro a sorregueu suavemente e levou-a para um vale coberto de relva úmida de orvalho. Ali, a jovem tranqüilizou-se e adormeceu. Ao acordar, viu um belo prado, uma fonte translúcida e um palácio que não parecia edificado por mãos humanas. Atraída pela beleza desses lugares, Psiquê a tudo contemplava com volúpia, quando uma voz lhe revelou que tudo lhe pertencia. Psiquê, então, entregou-se aos cuidados de vozes incorpóreas que providenciaram para ela um banho restaurador e um copioso festim.

À noite Psiquê foi visitada pelo marido desconhecido, que fez dela sua mulher e desapareceu antes da luz do dia. A bela moça somente não podia contemplar as feições de seu ardente amante, que, embora invisível, podia ser tocado.

Embora fosse feliz, Psiquê lamentava a distância que a separava dos pais e das irmãs. Seu marido advertiu-a dos perigos que corria, que correriam ambos, se ela fosse ao encontro dos parentes. Entretanto, Psiquê, já grávida, acabou convencendo o amante da necessidade de encontrar-se com sua família.

O encontro provocou a inveja das irmãs que persuadiram Psiquê de que o marido invisível era uma horrível serpente, que poderia devorá-la depois que lhe nascesse o filho. Psiquê decidiu, então, matar o amante.

Ao acender uma lâmpada, para melhor executar seu plano, Psiquê deparou com Cupido em pessoa, que repousava, magnificamente belo e divino, no leito. Tomada de desejo pelo Autor dos desejos, ela beijou-o com ardor. Nesse abandono, deixou que a lâmpada pingasse uma gota de óleo na espádua direita do deus. Com o ferimento, Cupido arrancou-se dos abraços e beijos da infeliz esposa e desapareceu.

Psiquê foi obrigada por Vênus a vários sacrifícios e provas até conseguir chegar até Cupido, que, doente e também ferido pelo Amor, jazia no tálamo materno.

A intervenção de Júpiter, a pedido do apaixonado Cupido, dá a imortalidade a Psiquê. São, finalmente, celebradas as núpcias perpétuas dos dois amantes.

Desse mito utilizamos as imagens e as representações do Amor, da aventura da Alma em busca da realização do Desejo ou da plenitude. Pothos e Himeros, companheiros de Eros nas sagas de Vênus, não pertencem à lenda de Apuleio. Foram artifícios para a representação de imagens ou conceitos verbais relativos à experiência erótica.

6. Foi muito importante, para a conceituação da experiência da volúpia e da languidez, a consulta dos *Fragments de um discurso amoroso*, de Roland Barthes (Rio, Francisco Alves, 1981), principalmente das figuras relativas a *abraço, encontro, languidez, noite, rapto, transbordamento*.
7. Para a interpretação dos mitos relativos a Korê/Prosérpina e ao nascimento de Eros e Afrodite, julgamos de grande importância a leitura de *Introduction a l'essence de la mythologie*, de C.G. Jung e Ch. Kerényi (Paris, Payot, 1953).
8. MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. São Paulo, Melhoramentos, 1963. p. 139. O rapto amoroso, no sentido que lhe damos, de *arroubo, de vertigem e iniciação no erotismo*, é uma constante nos romances de namoro de Macedo. Sua maior expressão está no romance, cujo título já introduz o tema da sedução de Cupido, *Os dois amores*. Nele, Cândido, o jovem apaixonado, utiliza o cântico floral para despertar dos sonhos virginais a sua amada, Celina:

Iguais são no fado, que têm a cumprir,
Iguais num mistério a bela e a flor;
Se a flor tem perfume, que o prado embalsama,
É délio perfume da bela o amor.

E a flor mais formosa, se não tem aromas,
No vale esquecida desabre e fenece;
E a virgem mais bela arrasta seus anos
Tristonha, isolada, se amor não conhece.

Iguais são no fado a bela e a flor,
Iguais no mistério, que vêm revelar;
A flor deve os campos de aromas encher,
E a bela na vida amor cultivar.

E a rosa, que se abre fragrante, viçosa,
Em gruta profunda de vale escondido,
Por mais perfumada que seja, e se ostente,
Que serve o perfume na gruta perdido?...

E à virgem formosa, que o anjo dos risos,
P'ra encanto do mundo, ao mundo mandou;
Que serve o amor, se um ente obscuro,
Que o não merecia, foi quem ela amou?...

Faceiro favônio, que as flores namora,
Na gruta profunda a rosa festeja;
Depois pelos prados, de volta, voando,
Da rosa os perfumes no prado lenteja.

E o jovem poeta, que em fogo se abrasa,
Se da bela virgem amor mereceu,
Nos hinos sagrados, que manda ao futuro,
Eterna os encantos do amor, que valeu.

Iguais são no fado, que têm a cumprir,
Iguais num mistério a bela e a flor;
A flor que favônio, que espalhe perfumes,
E a bela um poeta, que eternize amor.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dous amores* - Romance Brasileiro.

Rio, Paris, Garnier, s/d. (t.1) p. 192-193.

9. ABREU, Casimiro. Op. cit., p. 31.